

CATOLICISMO INDÍGENA: COMO AS TRADUÇÕES DE JOSÉ DE ANCHIETA PARA O TUPI MOLDARAM O CRISTIANISMO DO BRASIL COLÔNIA¹

Silvia Zaccaria*

*Antropóloga, tem trabalhado na cooperação internacional por conta de organizações não governamentais italianas na América latina (Argentina e Brasil), África Austral (Angola e Malawi) e nos Balcãs (Kosovo e Montenegro). Autora de livros e artigos sobre os povos indígenas do Brasil, faz parte do Secretariado internacional da rede “mundial” de Educação Ambiental WEEC. Atualmente se ocupa de migração do Maghreb em Turim, Itália. E-mail: amazzone72@hotmail.com

Retomando as conclusões do filósofo búlgaro Tzvetan Todorov, autor da *Conquista da América: A questão do Outro*, Paulo Edson demonstra como, para a colonização das Américas, a penetração do imaginário do Outro (p. 19) foi tão importante quanto a força das armas.

“Quetzalcoatl e Viracocha brancos e barbudos, haviam vindo do Oriente e lá haviam retornado. Os ameríndios tinham motivos para concluir que os europeus eram suas entidades sagradas e projetavam neles suas profecias de retorno dos deuses” (p. 27). Para os tupi, os homens que cruzavam o oceano com grandes canoas e perambulavam de aldeia em aldeia, discursando sobre uma Terra Sem Mal, curando e fazendo previsões do futuro, eram como os *caraibas*, pajés carismáticos e importantes xamãs tribais.

Segundo Edson, os jesuítas no Brasil usaram extensivamente as estratégias de conversão utilizadas no México pelos franciscanos que tinham logrado convencer os índios de que o Deus cristão era superior aos deuses locais, alegando sua ineficácia em impedir a invasão.

Mas se para os franciscanos a inserção do catolicismo na esfera religiosa dos nativos, não teria sido, pelo menos aparentemente, tarefa difícil já que religião asteca tinha elementos em comum com o cristianismo – a crença em um mundo sobrenatural organizado, em uma vida pós morte e a existência de um ser supremo – para os jesuítas teria sido bem mais árduo transladar conceitos abstratos do monoteísmo cristão à cultura de uma sociedade que, na concepção deles “nenhuma coisa adora, nem conhece a Deus; somente aos trovões chamam de Tupã, que é como dizer coisa divina” (p. 56).

Se Colombo não tinha nenhum interesse em tentar comunicar-se com os nativos, preocupado como era com as terras, pouco anos após suas primeiras expedições, os jesuítas já

¹ ALVES FILHO, Paulo Edson. Jundiá, SP: Paco, 2010. 254 p.

tinham consciência do problema (de tradução) do Outro e elaboravam um paradigma à luz do qual definir a sua própria identidade como aquela da alteridade que ia descobrindo.

A missão por eles empreendida se configurava como uma retomada da evolução humana: os índios, embora na infância da humanidade, traziam as mesmas sementes cristãs necessárias para receber a verdadeira fé e atingir a salvação.

Na ausência do milagre da “glossalia” que investiu os apóstolos, a presença barulhenta de tantas línguas representava um obstáculo à divulgação do Verbo. O estudo dos idiomas indígenas representou uma peculiaridade da Ordem jesuítica e uma específica estratégia missionária. A conquista das línguas teria sido possível através de uma tríplice ação de redução: a primeira consistia no aldeamento de povos com culturas diferentes; a segunda no processo de standardização linguística e gramatical; a terceira na seleção, entre as línguas faladas pelos nativos reduzidos, de uma reconhecida como hegemônica, definida “língua geral”.

O padre jesuíta espanhol José de Anchieta dedicou toda a vida em prol da atividade missionária e ao desenvolvimento de uma estratégia de “tradução” que pudera tornar possível a penetração cultural e a conversão dos nativos. Chegado no Brasil em 1553, onde permaneceu até a sua morte em 1597, aprendeu, em pouco tempo, o tupi e elaborou uma gramática e um conjunto extenso de obras literárias e composições teatrais neste idioma, que visavam apresentar aos nativos conceitos espirituais da religião europeia.

Segundo Edson, na colonização portuguesa, as divergências entre Coroa e Igreja foram menores do que as presentes no processo colonizador espanhol. A administração colonial sabia que sem os missionários teria sido impossível “segurar os índios”, os eclesiásticos reconheciam que a política de catequese necessitava, para o seu sucesso, da força do braço secular. Levados por interesses mútuos, ambos se toleraram reciprocamente como “mal menor”.

Edson cita varios autores (PREZIA, 2000; PAIVA, 1982, p. 44-45) para ressaltar como a posição dos jesuítas foi ambivalente frente aos indígenas. Se a realização dos aldeamentos visava, de um lado, à afastar os índios da violência justificava, no caso de grupos rebeldes, o recurso a força (as “guerras justas” promovidas pela tropas que acompanhavam os eclesiásticos) e comportava, para os sobreviventes, uma mudança radical do seu modo de ser e viver. A doutrinação aí realizada se dava através da desestabilização do poder dos pajés, da educação dos

jovens e da conversão dos líderes dos grupos, cooperando para o esfacelamento das normas comportamentais e sociais das tribos.

Segundo Fabian (1990, p. 341-352 apud CUTURI, 2004, p. 10), “missionários e colonizadores, compartilhavam o mesmo aparato conceitual, no qual estava baseada a ideologia colonial. Existe de fato uma certa complementariedade nos conceitos e nas figuras discursivas das quais a obra civilizadora se serviu, formando pontes terminológicas que permitiram a passagem do discurso religioso para o secular e vice-versa: o vocábulo “missão”, cujo uso é promovido pelos próprios jesuítas, serve para “definir propósitos religiosos, diplomáticos e militares”.

Para que a significação do paradigma religioso que os jesuítas tentavam incutir nas sociedades indígenas no Brasil colônia fosse efetiva, fizeram-se de fato necessárias concessões e permissões de certos modos de pensar e viver dos nativos – ficar nus nas reuniões religiosas, realizar seus cantos e danças, tanger seus instrumentos musicais em suas festas - posto que estes “não fossem em contraste com a fé católica” e, em todo caso, com o objetivo que os índios se sentissem atraídos a deixarem os outros costumes (associados à selvageria): a antropofagia, a poligamia e a embriaguez.

Cristina Pompa (2003, p. 68) descreve esta prática como “tolerância das violações” que, segundo Edson, seria também aplicada por Anchieta como orientação da tradução do dogma cristão para o tupi.

Comparando as estratégias tradutológicas empregadas por Anchieta na elaboração de seu corpus catequético com aquelas utilizadas pelos jesuítas especialmente na China, Edson ressalta como, ao contrário das ações levadas a cabo pela Companhia no Celeste Império², houve pouco relativismo cultural em seu modo de proceder no Brasil.

O cristianismo, sendo uma religião centrada na unicidade do Verbo, se expunha a graves riscos de equívocos e mal-entendidos no processo de tradução para os idiomas nativos: qual a possibilidade de se demonstrarem seres, figuras divinas e planos do além quando não eram encontrados equivalentes nas linguas locais, a não ser aproximações? Como adaptar as entidades sobrenaturais dos nativos à concepção maniqueísta e simplista cristã de bem e mal? A árdua

² Edson se embasa principalmente no estudo de Jacques Gernet, **China and the christian impact**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

tarefa de tradução empreendida pelos religiosos deparava com obstáculos intransponíveis e a própria intraduzibilidade (ou melhor incomensurabilidade) de conceitos. Anchieta recorreu alternativamente à inserção de termos portugueses na língua vernácula ou a criação de equivalências³ propensas a dar margem à interpretações errôneas e nas poucas distorções (e desvios) da mensagem original.

Edson utiliza as considerações de Vicente Rafael (1993) sobre a ação missionária entre os Tagalos das Filipinas para as missões jesuíticas das quais Anchieta participava. Para ele: “A tradução, assim como todo o processo de conversão, proporciona, mas também subverte as bases ideológicas da dominação colonial. A necessidade de emprego de línguas nativas na atividade evangélica limita o conteúdo totalizante e universalizante da ordem colonial cristã”.

Nesto ponto gostaria de comparar a atuação de Anchieta e dos jesuítas no Brasil Colonial, esplendidamente descrita por Edson, com a atividade missionária no Brasil contemporâneo.

No livro *Il Prete e l'Antropologo* (2011), escrito com o Padre Silvano Sabatini, descrevo a ação missionária da congregação italiana da Ordem da Consolata no Brasil confrontando-a com aquela levada a cabo no mesmo período (décadas de '70 e '80) pelos salesianos entre os Shuar do Ecuador⁴. Enquanto os salesianos faziam amplo recurso das estratégias tradutológicas elaboradas pelos jesuítas, os missionários da Consolata, renunciando em se aventurar em ousadas quanto improváveis equivalências entre personagens míticos e bíblicos, procuravam “ser Cristo”.

Ao mesmo tempo, recusavam-se a batizar os nativos individualmente com a consciência que isso teria criado no batizado uma dupla personalidade. Para eles era “a cultura que devia ser evangelizada”, no sentido de uma troca e complementação de valores. Por isso, o projeto de evangelização dos missionários da Consolata fundava-se no pleno reconhecimento da autoridade

³ De acordo com os teóricos da tradução, especialmente Nida, Venuti e Tymoczko, Edson identifica uma matriz classificatória para as diferentes estratégias tradutológicas empregadas por Anchieta. Edson adota a classificação de Tymoczko falando de tradução assimiladora (domesticadora por Venuti) quando Anchieta recorre a neologismos formados pela junção de palavras existentes no vocabulário tupi mas cujos conceitos encontram-se fora do contexto social da cultura receptora) e de tradução ostensiva (estrangeirizadora por Venuti) quando o termo è mantido em português e inserido no universo do discurso como palavra alienígena como por exemplo: cristãos, santa cruz) e tradução dialética, como inconstância entre tradução ostensiva e assimiladora.

⁴ Amplamente descrita por Colajanni (2004, p. 170-194).

do xamã e do mito como dimensão fundamental e insubstituível na busca de sentido, para o indivíduo e para o grupo, da sua razão de ser no mundo.

Através das falhas da tradução evidentes nas obras de Anchieta e nas reações imprevisíveis e inesperadas dos índios a mensagem cristã, se intraveem povos constantemente implicados no processo de retraduzir, reelaborar e resignificar o cristianismo imposto (CUTURI 2004, p. 41) até transformar os deuses (WRIGHT, 1999).

Ao traduzir para o italiano o livro *Antes o mundo não existia. A mitologia dos antigos Desana-Kehiripõrã* (LANA; LANA, 1986) - primeira coleta de material mitológico realizada por autores indígenas brasileiros - padre Sabatini parece ter interiorizado o conceito da diversidade radical do sistema de pensamento e da intraduzibilidade (e irredutibilidade) da visão do mundo e da dimensão espiritual indígena.

Se trata de uma tradução sem mediações, na qual transpira o profundo senso de respeito, reverência e fascinação do autor perante uma religiosidade alheia. A cosmologia desana com a qual o sacerdote italiano se misturou na sua obra de tradução, demonstra mais uma vez como os indígenas foram capazes de “metabolizar” e lidar com a irrupção do Outro no próprio universo cultural. De fato, a chegada dos “dois intrusos” (LA CECLA, 1997) já estava prevista:

Dai chegaram à 56ª maloca (...) que está na grande cachoeira de Ipanoré. Aí pisaram na terra pela primeira vez, porque antes eles vinham debaixo da água, com a Canoa Serpente (...) O primeiro a sair foi o chefe dos Tukano (...) Ele era como o Demiurgo da Terra. Foi como aconteceu com Deus. Deus gerou o seu filho Jesus, não é? (...) O segundo foi Boreka, o chefe dos Desana (...). O sexto a sair foi o Maku. A todos estes, o Bisneto do Mundo disse: Dou-lhes o bem-estar, as riquezas das quais vocês nasceram. (...) Ele estava dando-lhes o poder de serem mansos, de fazerem grandes festas com danças, de se reunirem com muita gente, de conviverem bem com todos. Isto é de não fazerem as guerras. (...) O sétimo a sair para a superfície foi o Branco, com a espingarda na mão. O bisneto do mundo disse-lhe: você é o último. Dei aos primeiros todos os bens que eu tinha. Como você é o último (...) você deverá tirar as riquezas dos outros (...). O Bisneto do mundo deu-lhe o poder de fazer a guerra! Para ele a guerra é como uma festa. Por isso que os brancos fazem guerras. O oitavo a sair foi o padre com um livro na mão. O bisneto do mundo mandou que ele ficasse com o Branco. Os nossos avós sabiam que existia

Padre, porque conheciam esta história! Tanto é verdade que os Padres chegaram assim com os Brancos! (LANA; LANA, 1995, p. 38-40).

REFERÊNCIAS

- COLAJANNI, Antonino. L'attività missionaria salesiana tra gli shuar dell'Ecuador. Interessi antropologici e strategie di promozione del cambiamento socio-culturale. In: CUTURI, Flavia (Org.). **In nome di Dio. L'impresa missionaria di fronte all'alterità**. Roma: Meltemi, 2004. p. 155-205.
- CUTURI, Flavia (Org.). **In nome di Dio. L'impresa missionaria di fronte all'alterità**. Roma: Meltemi, 2004.
- CUTURI, Flavia. Introdução. Adaptarsi, modellare e convertire. In: CUTURI, Flavia. (Org.). **In nome di Dio: l'impresa missionaria di fronte all'alterità**. Roma: Meltemi, 2004. p. 7-60.
- LA CECLA, Franco. **Il malinteso. Antropologia dell'incontro**. Roma-Bari: Laterza, 1997.
- LANA, Firmiano A.; LANA, Luiz G. **Antes o mundo não existia**. São Paulo: Livraria Cultura, 1980.
- LANA, Firmiano A.; LANA, Luiz G. **Antes o mundo não existia: a mitologia dos antigos Desana-Kehiripõrã**. 2. ed. São Gabriel da Cachoeira; São Joao Batista do Rio Tquiúé: FOIRN/UNIRT, 1995. p. 38-40.
- PAIVA, José Maria. **Colonização e catequese**. São Paulo: Autores Associados, 1982.
- POMPA, Cristina. **Religião como tradução**. Bauru: Edusp, 2003.
- PREZIA, Benedito. **Brasil indígena: 500 anos de resistência**. São Paulo: EDT, 2000.
- RAFAEL, Vicente. **Contracting colonialism. translation and christian conversion in tagalog society under early Spanish rule**. Durham: Duke University Press, 1993.
- SABATINI, Silvano; ZACCARIA, Silvia. **Il prete e l'antropologo**. Tra gli indios dell'Amazzonia. Roma: Ediesse, 2011.
- TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- WRIGHT, Robin. **Transformando os deuses: os múltiplos sentidos da conversão entre os povos indígenas no Brasil**. Campinas, SP: Unicamp, 1999. v. 1